

# ANAIS DO XXXII COLÓQUIO CBHA 2012

## DIREÇÕES E SENTIDOS DA HISTÓRIA DA ARTE

Organização

Ana Maria Tavares Cavalcanti

Emerson Dionisio Gomes de Oliveira

Maria de Fátima Morethy Couto

Marize Malta

**Universidade de Brasília**

**Outubro 2012**





## **A Construção da Poética Abstrata de Regina Chulam**

Jorge Luiz Mies

Mestrando em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo

**Resumo:** A artista capixaba Regina Chulam, em suas pinturas mais recentes, apresenta uma linguagem visual abstrata na qual a materialidade da cor é resultado de uma intensa carga emocional, que reflete o trabalho incansável que a pintora vem travando no campo pictórico que insiste em dialogar com a paisagem. O estudo, com base no aporte fenomenológico do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty, propõe-se a analisar como Chulam desenvolve o sentido de ideia abstrata, inicialmente bastante dispersa, em um encadeamento de caminhos pessoais e inexplorados.

**Palavras-chave:** Regina Chulam. Pintura. Abstração.

**Resumen:** En sus pinturas recientes, la artista “capixaba” Regina Chulam nos presenta un lenguaje abstracto visual, en el cual la materialidad del color es el resultado de una intensa carga emocional que refleja la laboriosidad incansable en el plano pictórico; plano este que insiste en dialogar con el paisaje. La investigación, basada en la contribución

del filósofo francés Maurice Merleau-Ponty pretende analizar de que manera la artista desarrolla el sentido de idea abstracta, bastante dispersa al comienzo, en dirección a uma encrucijada de caminos personales e inexplorados.

**Palabras clave:** Regina Chulam. Pintura. Abstracción.

*Fim de Tarde em Aracê com Pedra Azul* (2010) é uma pintura que revela a forte carga emotiva de uma experiência pictórica que intencionalmente constrói na superfície da tela o caráter abstrato da imagem. A rigorosa estrutura geométrica da obra proporciona uma orientação cromático-espacial que intensifica o harmonioso contraste entre os variados impulsos luminosos arquitetados pela cor. (Figura 1)

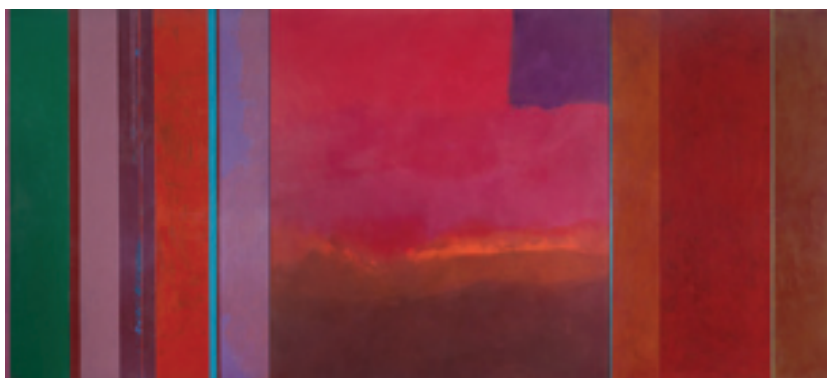


Figura 1 - *Fim de Tarde em Aracê com Pedra Azul*, 2010. Acrílica sobre tela. 100 x 220 cm.

A tela trabalhada por Regina Chulam<sup>1</sup> traz faixas verticais alongadas de um lado a outro do quadro, criando campos cromáticos quase autônomos, que evocam a pluralidade de sensações de cores da região montanhosa de Pedra Azul. A artista orchestra a cor com propriedade ao dividir e recortar o espaço de forma incisiva. Na tela central, acoplada pelos painéis laterais, em meio às interpenetrações das manchas de cores, surge um esboço velado do contorno da Pedra Azul ao pôr do sol. O elemento figurativo aparece no espaço abstrato quase como intruso, permitindo que o olhar interior relacione passado e presente na procura de novas soluções formais.

O tríptico, comumente presente na construção pictórica de Chulam, distribui os ritmos das sensações em cada um dos três painéis e une os diferentes tempos de cor e luz experimentados. O movimento dessas sensações em diferentes níveis, visível em cada uma das partes, confronta-se e junta-se; o que deixa claro que a pintora não registra apenas o fato, mas, essencialmente, pinta experimentando sensações.<sup>2</sup> Inferimos, então, que *Fim de Tarde em Aracê com Pedra Azul* valoriza as sensações e as experiências no mundo vivido. A tela é uma obra singular entre as inúmeras outras que retratam essa paisagem. Nela, a artista mostra as percepções de um olhar sensível que capta e dialoga com as cores refletidas pela luz do sol.

---

<sup>1</sup> Regina Olivier Chulam nasceu em Vitória, ES, em 23 de julho de 1950. Aos 24 anos vai para Portugal, permanecendo por quase 30 anos. Desde 2003 vive em Aracê, distrito de Domingos Martins, ES.

<sup>2</sup> DELEUZE, Gilles. *Francis Bacon: lógica da sensação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

O filósofo Merleau-Ponty mostra a sensação como uma experiência que provoca os sentidos: ver, ouvir e sentir.<sup>3</sup> Estes sentidos apreendem as sensações oferecidas pelo mundo que se revela ao artista, entretanto, é o olho, captor das impressões ao seu redor, que, sensibilizado, “restitui o visível pelos traços da mão”.<sup>4</sup> O pintor, sensível a toda essa experiência, pinta as cores e as luzes que vê obtidas pela prática da visão. Logo, o ato de pintar se constitui como uma experiência que se renova a cada percepção do mundo, que surge a cada novo olhar, a cada novo sentir. Sendo assim, a pintura se estabelecesse como um entrelaçamento de olhares sensíveis sobre a imensidão das coisas visíveis.

A pintura, como resultado da experiência e da percepção de um olhar que penetra o conjunto das coisas criadas, metamorfoseia as sensações e as percepções e as ordena sobre a superfície do suporte em uma trama de linhas, cores e luzes. O ato de perceber, de sentir, guia os gestos do pintor, que materializados no espaço pictórico revelam o que foi visto pelo artista e o que foi oferecido a ver ao espectador. A tela se mostra como mediadora da relação entre aquele que pinta e aquele que percebe o que foi pintado. Ela se organiza como um campo de ações onde os olhares do pintor e do contemplador se entrecruzam, animados por experiências visuais e sensíveis.

O trabalho pictórico de Regina Chulam é minucioso em sua estrutura compositiva, portanto, rigoroso no traço geométrico. Sua pintura tem grande estima pela figura, por

<sup>3</sup> MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

<sup>4</sup> Id. *O olho e o espírito: seguido de A linguagem indireta e as vozes do silêncio e A dúvida de Cézanne*. São Paulo: Cosac Naify, 2004. p. 20.

isso, como podemos perceber em suas primeiras telas dos anos 80, as linhas tornam-se elemento essencial do conteúdo emotivo de seus trabalhos. Todavia, se nesses trabalhos anteriores elas organizavam o esquema estrutural do plano e sustentavam o tecido cromático, agora dão licença para que a dinâmica tessitura das cores desperte e sugira outras emoções em espaços abstratos.

Com a total entrega ao ofício da pintura, a artista adquiriu maturidade no tratamento da cor, intercalando contrastes e sutis variações cromáticas. Superfícies monocromáticas e manchas moduladas, ao mesmo tempo em que repousam sobre um equilíbrio de tranquila ordenação, parecem querer se expandir para além dos limites do quadro. E nesse jogo de tensão, o olhar do espectador é estimulado a perceber as emoções e as ideias sentidas, não apenas pela artista que compôs a obra, mas, também, por ele que a contempla, nesse lugar de experiências chamado pintura.

Merleau-Ponty aponta que o olho é o instrumento de entrega do pintor.<sup>5</sup> É por meio do olhar que o pintor se aproxima do mundo para transformá-lo em pintura. Essa transformação se dá por meio da aprendizagem do ver, conquistada por exercícios que sensibilizam o olhar na captação das sensações do mundo visível. A visão se torna gesto revelando luzes, cores e linhas, elementos de existência apenas visual.

O pintor é um produtor de luzes, e Chulam em todo seu processo criativo as criou. A artista viveu por muitos anos em Portugal, e a luz ibérica sensibilizou o seu olhar.

---

<sup>5</sup> Id.

A predominância de tons mais terrosos, presentes nos primeiros trabalhos, enfatiza uma fatura pictórica alcançada pelo estudo dos mestres europeus. O retorno ao Brasil, em 1981,<sup>6</sup> fez com que a artista redescobrisse a cor tropical e pesquisasse meios para fundi-la às nuances de sua paleta europeia. Cor, luz e forma convergiram para tecerem a planaridade da pintura. Nesse eixo, acredita-se que Aracê, lugar onde Chulam atualmente reside, proporcionou à artista condição de estabelecer uma relação ativa com o mundo que a rodeia, percebendo sensações que foram transmudadas em cores aplicadas sobre a tela.

Os primeiros trabalhos de Chulam não revelam apenas as influências das ideias estéticas do início do século XX, eles também fazem conhecer os influxos do pintor e arquiteto Frederico George. O mestre português, por meio de exercícios diários do olhar, fez com que a artista capixaba aprendesse a se relacionar com o objeto e extraísse dele singularidades. Como pintor, George, um estudioso dos princípios e das técnicas da arte da pintura, sensibilizou Chulam a percorrer os espaços do papel e da tela, e como arquiteto, orientou-a sobre a importância do rigor na construção pictórica. Portanto, a assimilação da gramática cubista que, em suas pinturas na terra portuguesa, multifacetava o objeto em planos geométricos fortemente marcados pelas linhas, em obras mais recentes permite que artista fracione o espaço em amplas manchas de cores, deixando o olho do espectador, livremente, percorrê-las e reconstruí-las.

---

<sup>6</sup> Após se Licenciar em Pintura pela ESBAL, Regina Chulam regressa ao Brasil; e em 1985 retorna à Portugal com vindas pontuais à Vitória até 2003.



Se ela questionava, em suas pinturas da década de 1980, o objeto de modo detalhado, transferindo-o para um plano arquitetado pelo cruzamento de linhas, nos últimos anos vem praticando o exercício da cor recortando-a e sobrepondo-a no espaço no intuito de organizar o seu movimento interior. Percebe-se que os trabalhos da artista foram progressivamente passando da figuração com cores estritamente delimitadas pelas linhas, para uma figuração com tendências à abstração, o que se pode verificar na tela *Agaves*<sup>7</sup> (2010). Nessa composição, as linhas não fixam os limites das cores; as manchas cromáticas se deslocam com autonomia e expandem-se em direção às bordas do campo pictórico.

A poética abstrata de Chulam tem sido construída de forma consciente, resultado de uma trajetória dedicada ao ofício dos pincéis e das tintas. A produção de telas com extensos campos de cor envolvem o espectador, oferecendo acesso a uma vasta gama de emoções. O observador é atraído a mergulhar nessas áreas de cor repletas de luz interior. O olhar sensível, que para Merleau-Ponty é aquele que vagueia a imensidão do mundo visível, tateia a imagem para perceber as sensações que o artista experimentou, querendo também experimentá-la, senti-la. Sensibilizado pela tessitura cromática posta em ordem sobre a superfície da tela, o olho penetra as profundezas da cor estabelecendo a transitividade entre os sentidos (ver, sentir, perceber).

No ano de 2010, a artista criou uma série intitulada “As Flores do Jardim dos Meus Sonhos”, produzida com

---

<sup>7</sup> Acrílica sobre tela. 100 x 280 cm.

bandeijinhas de isopor. Foram com esses trabalhos que a pintora pode refletir sobre seu processo compositivo e tornar seu espaço pictórico mais acessível ao jogo das cores. Com essa série Chulam começa a tocar na abstração. Nela, não houve nenhuma intervenção, seja pelo desenho ou por uma pincelada. A disposição das manchas de cores, presentes nas bandejas reaproveitadas, foi ditada pela sensibilidade da artista no intuito de exprimir a exuberância cromática das variadas flores de um jardim. O material que a auxilia no preparo e na mistura das tintas, foi guardado no decorrer dos anos, e harmoniosamente orquestrado em uma rica trama compositiva que expõe a ampla gama de cores da natureza. As bandejas coloridas revelam vestígios da paleta de tintas da pintora desveladas sobre a superfície pictórica das inúmeras obras de sua trajetória. Nesses trabalhos Chulam faz conhecer os azuis, os verdes, os vermelhos, os laranjas, os amarelos, os ocre e os marrons que constituem a escala de cores essenciais de sua pintura.

No entanto, sem sombra de dúvidas, podemos afirmar que as primeiras obras abstratas de Regina Chulam nasceram da leitura do poema “Lugures, Ásia Central”, do poeta português Herberto Helder:

Ao negro mar ressoante possas tu chegar/Possas chegar e três vezes abrir a porta negra/Ao ressoante mar amarelo possas tu chegar/ Pela tempestade amarela que sopra possas tu chegar/Possas chegar montado num cavalo amarelo/Empunhando um dardo amarelo possas tu chegar/Possas chegar ao ressoante mar vermelho/Pela tempestade vermelha que sopra possas tu chegar/Possas chegar com as mãos cheias de preciosas pedras vermelhas/Vestido de bárbaros couros vermelhos possas tu chegar.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> HELDER, Herberto (versões). *As magias*: alguns exemplos. Lisboa: Assírio & Alvim, 1988. p. 23.

Das emoções sentidas em cada verso, a pintora transformou o vivo encantamento das palavras em extensos campos monocromáticos. Em *Mar Negro* (Figura 2), *Mar Amarelo*<sup>9</sup> e *Mar Vermelho*<sup>10</sup> (datadas de 2011), Chulam manipulou, por meio da cor, toda a sua carga emocional. A extensão cromática possibilita um intenso movimento do campo pictórico, favorecido pelas propriedades físicas da cor. As manchas de cores sustentam a divisão de um espaço amparado pela geometria, que em amplos painéis retangulares arejam as cores, expandindo-as. A sobreposição de camadas de rosa e magenta, no *Mar Vermelho*; de variadas nuances amareladas, no *Mar Amarelo*; de diversas tonalidades de marrons e verdes, no *Mar Negro*, conservam uma identidade cromática particular que afirma a estrutura do tecido de relações entre as cores, ou seja, a aplicação de cada cor é decidida por uma cuidadosa pesquisa cromática, cuja referência recolhida na história da pintura estimula experiências no ato de perceber e transpor sobre a tela as sensações, as luzes e as cores sentidas pela leitura do poema.

Acreditamos que o olhar do espectador seja convidado a explorar as sensações oferecidas: a irresistível vibração do vermelho, a força irradiante do amarelo e o silêncio contemplativo do negro. Tais impressões são estimuladas pelas inúmeras camadas transparentes de cor que se acumulam na superfície e que transcendem a frontalidade do plano. A luminosidade das cores nos leva às profundezas desses mares; e as pinceladas a óleo permitem a construção

<sup>9</sup> Óleo sobre tela. 120 x 280 cm. Coleção Márcio Espíndula, Vitória, ES.

<sup>10</sup> Óleo sobre tela. 120 x 280 cm. Coleção Márcio Espíndula, Vitória, ES.

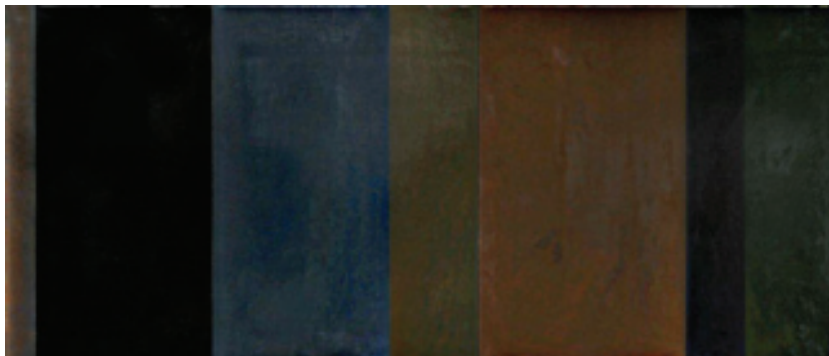


Figura 2. *Mar Negro*, 2011. Óleo sobre tela. 120 x 280 cm. Coleção Márcio Espíndula, Vitória, ES.

de áreas de cores mais límpidas e brilhantes. O verniz, utilizado para o acabamento, é empregado intencionalmente para que o espectador se veja refletido “dentro das águas”. Esse simulacro é prova dos mistérios da cor, que vem sendo lentamente desvendados pela artista e pela paciente investigação dos materiais da pintura.

É a partir de sua relação íntima com a imensidão do mundo que Regina Chulam oferece deslocamentos de cor e luz na bidimensionalidade da tela. Nas recentes composições, o espaço se abre para acolher o contrastante jogo de cores, estruturado em amplas faixas horizontais que atravessam os limites da tela. A artista retoma memórias vividas, que conseqüentemente se encontram desveladas em seu processo pictórico, e lança sobre elas novas percepções, levando-a a uma total liberdade no ato de pintar. Agora a cor, imersa na luz, domina e induz seu processo de criação, criando no interior da pintura sua força estrutural.

Nas pinturas da série “Nosso Mar” (2012) (Figura 3), Regina Chulam, no intuito de ultrapassar as fronteiras das

linhas, libera intencionalmente a pulsão sensível e construtiva da cor. As faixas coloridas, que se estendem de uma lateral à outra da tela, são compostas por inúmeras camadas transparentes de tinta. As cores precisamente definidas, alongadas pelo gesto do pincel, dão profundidade visual a esses campos horizontais extensos e monocromáticos. A gradação acentuada de tons é amenizada por pequenas frestas de luz, responsáveis pela vibração cromático-espacial que arrebatam o olhar do espectador para outros horizontes; para além do quadro.

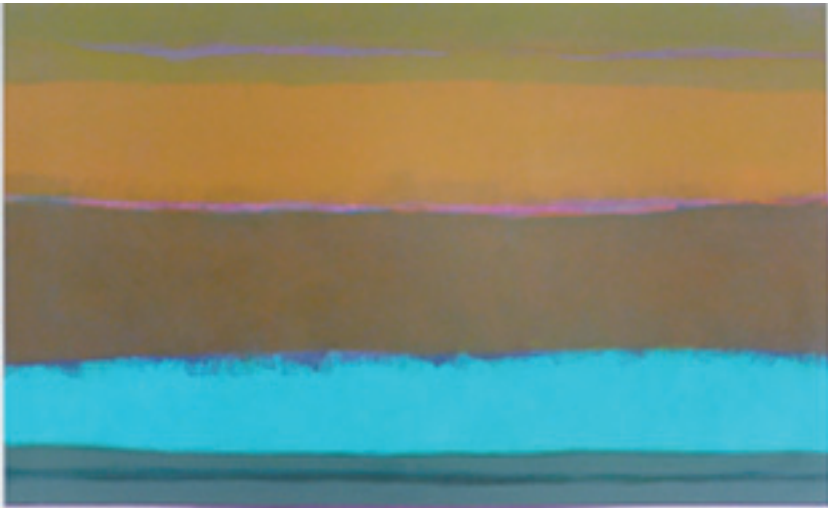


Figura 3. *Praia do Espelho* (Série Nosso Mar), 2012. Acrílica sobre tela. 120 x 200 cm.

No ato de pintar, como já foi dito por Merleau-Ponty, o pintor nos atinge por intermédio do silêncio das cores e das linhas, e seus efeitos na tela, como expressão criadora, destinam-se ao indivíduo para comunicar o “sentir” do artista

posto no quadro por meio de seus gestos.<sup>11</sup> A interrelação com esses efeitos, que realizam e refletem a intenção procurada pelo autor da obra, nas palavras do filósofo francês, será interpretada ou não em função de o espectador se colocar no exercício da contemplação e tecer relações que levam às redefinições. Ou seja, um olhar sensível que remodele o mundo.

A pintura abstrata de Chulam, apesar de ser recente, traz o encadeamento da construção de uma poética anterior, que, ao apresentar um vocabulário plástico que revisita e inventaria os estilos da modernidade, potencializa o caráter sensorial e envolvente da cor. Suas telas sucedidas há pouco demonstram um espaço pictórico conquistado com engajamento dos que acreditam no fazer pintura. Pintura como meio de inclinação aos desejos do artista, que transmite para a superfície do suporte a decomposição ou a metamorfose de sua sensibilidade, exposta a um número incontável de sensações. Regina Chulam é uma pintora que quanto mais pinta, mais valoriza o pensamento moderno de aumentar o préstimo das sensações e das experiências do mundo que a cerca. A artista sabe que para se expressar é necessário pintar, e que seu ofício precisa do tempo para maturar o olhar e transformá-lo em pintura.

#### **Referências bibliográficas:**

DELEUZE, Gilles. Francis Bacon: lógica da sensação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

---

<sup>11</sup> MERLEAU-PONTY, Maurice. *O olho e o espírito*: seguido de A linguagem indireta e as vozes do silêncio e A dúvida de Cézanne. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

HELDER, Herberto (versões). *As magias: alguns exemplos*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1988.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. *O olho e o espírito: seguido de A linguagem indireta e as vozes do silêncio e A dúvida de Cézanne*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

